

Algumas questões gerais relativas à problemática do “desenvolvimento”

João Carlos Graça

O desenvolvimento económico excepcional, registado a partir da Revolução industrial, está inscrito na cultura em qualquer outro dispositivo correspondente às sociedades europeias? Em que consiste a suposta “excepcionalidade” europeia? E, adentro do mesmo espírito, qual é a divisória fundamental, considerando a linha cronológica do passado europeu? O renascimento? Os descobrimentos? A reforma protestante? A idade das luzes? A revolução industrial? E porquê o valor excepcional dessa divisória ou desse período?

Tratar-se-á, numa outra possível grelha de leitura, do “modo de produção capitalista”? Das antes formas de religiosidade? O que é que, exatamente, terá induzido uma caminhada acelerada das sociedades europeias (ou, pelo menos, de algumas delas) para a urbanização, a industrialização, a alfabetização, etc.?

Mais amplamente: qual a importância da “racionalidade”, tal como pensada por Max Weber? Terá isso sido, na verdade, um fator crucial? E, a tê-lo realmente, o nó do problema estará na religiosidade (protestante) que a teria propiciado? Na organização económica (capitalista) que a teria induzido na vida económica? E como se relaciona a vida económica capitalista-racional (em “mercado aberto”) com a organização do estado, que não é mercantil, antes racional-burocrática, precisamente para a “sociedade civil” poder estar organizada de forma capitalista?

Existirá um grupo de valores e de atitudes em definitivo identificáveis como propiciando o arranque para a modernidade e/ou o “desenvolvimento”? Haverá mais de um grupo dessas orientações valorativas? As sociedades mais ou menos atrasadas que, ainda assim, conseguem arrancar para processos de desenvolvimento tendem a fazê-lo, pelo menos em parte, graças à ajuda decisiva de “combustíveis ideológicos”? Ou será que, mais adequadamente, são a modernidade e o desenvolvimento que tendem a ‘segregar’ espontaneamente a sua própria justificação cultural?

Em que consistiu a chamada “grande divergência”? Porque ‘rebentou’ a revolução industrial na Europa, e em particular na Grã-Bretanha, e não na China, ou na Índia? Que papel teve nisso a relação de forças militares previamente existente? E a tomada de controlo, pelos europeus, dos recursos de outros continentes? Qual o papel da chamada “descoberta das Américas”? Como é que as questões epidemiológicas estiveram relacionadas com esta questão? E como jogou com isso o subsequente tráfico de escravos e da economia plantações nele assente? Que relações existe entre este grupo de factos e o triunfo do capitalismo racional na Europa ocidental? De que forma estiveram envolvidas, por exemplo, a questão dos recursos energéticos, que segundo alguns teria induzido previamente, na China, múltiplas “revoluções industriais” (não “industriais”), as quais viriam a desembocar sistematicamente em “armadilhas malthusianas”, por escassez de recursos, designadamente combustíveis, víveres e

terras? E como articular ainda tudo isso com a subsequente colonização de África pelos europeus?

De que forma podem todas estas narrativas ser interpretadas tendo como base um esquema de ciclos sucessivos de “hegemonia” capitalista, à maneira de autores como Arrighi. Que possibilidades haverá de ultrapassar esta seria (aparentemente interminável) de sucessivos ciclos capitalistas?

Procurar articular todas estas discussões. Ter em conta quais as posições, relativamente a cada um destes temas, de autores como, entre outros: Karl Marx, Max Weber, Werner Sombart (no século XIX e/ou na viragem para o XX); e de autores da segunda metade do século XX (ou viragem para o XXI) tais como: Alexander Gerschenkron, Paul Bairoch, James Blaut, Kenneth Pomeranz, Giovanni Arrighi.